

Da holografia quântica e da paralaxe: uma interpretação física dos conceitos de realidade

About quantum holography and parallax: a physical interpretation of the reality concepts

De la holografía cuántica y de la paralaje: una interpretación física de los conceptos de realidad

Recebido: 11/07/2022 | Revisado: 29/07/2022 | Aceito: 08/08/2022 | Publicado: 17/08/2022

Cairo Gomes Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0834-2078>
Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, Brasil
E-mail: cairo_cal@icloud.com

Cleberson Disessa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0217-0049>
Centro Universitário de Una, Brasil
E-mail: disessa1977@hotmail.com

Francisco Leilson da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5182-8455>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
E-mail: psileilson@hotmail.com

João Batista da Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3771-4106>
Instituto de Medicina, Estudos e Desenvolvimento, Brasil
E-mail: Joaobcunha09@gmail.com

João Pedro Vasconcellos de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5444-3005>
Centro Universitário de Una, Brasil
E-mail: joaopedro230500@gmail.com

Resumo

Este artigo visa analisar a interpretação da realidade tendo como base a teoria da holografia quântica, para isso entendendo os conceitos físicos necessários para compreendê-la. A teoria da realidade será dúvida, neste artigo, em cinco definições, sendo a quinta o objeto de foco: a compreensão holográfica da realidade, esta caracterizando-se como a superação da "dualidade da coisa e da não coisa" - que se sustenta sobre a dialética hegeliana aplicada à caverna de Platão. Para isso foram estudadas tanto obras de física, filosofia e direito, como também obras soltas de literatura segmentada aos assuntos supracitados.

Palavras-chave: Holografia; Realidade; Platão; Hegeliana; Física.

Abstract

This article aims to analyze the interpretation of reality based on the theory of quantum holography, understanding the physical concepts necessary to comprehend it. The theory of reality will be due, in this article, to five definitions, the fifth one being the object of focus: the holographic understanding of reality, which is characterized as the overcoming of the "duality of the thing and the non-thing" - which is based on the Hegelian dialectic applied to Plato's cave. For this, both works of physics, philosophy and law were studied, as well as loose works of literature segmented to the aforementioned subjects.

Keywords: Holography; Reality; Plato; Hegelian; Physics.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la interpretación de la realidad a partir de la teoría de la holografía cuántica, comprendiendo los conceptos físicos necesarios para comprenderla. La teoría de la realidad se deberá, en este artículo, a cinco definiciones, siendo la quinta el objeto de atención: la comprensión holográfica de la realidad, que se caracteriza como la superación de la "dualidad de la cosa y la no cosa" - que se basa en la dialéctica hegeliana aplicada a la caverna de Platón. Para ello, se estudiaron tanto obras de física, filosofía y derecho, como obras sueltas de literatura segmentadas a las materias antes mencionadas.

Palabras clave: Holografía; La realidad; Platón; Hegeliano; Físico.

1. Introdução

Toda a teorização da física quântica apresentada por diversos pesquisadores, no final do século XIX e início do século XX, trouxe várias inovações para o cenário das ciências. A partir da publicação da Lei Geral da Relatividade, em 1915, que fornece uma descrição unificada da gravidade como uma propriedade geométrica do espaço-tempo, houve uma mudança radical na compreensão do que é a própria Física.

Albert Einstein (1879-1955), o principal teórico e um dos pilares da Física Moderna, em seu livro *A Evolução da Física*, lançado em 1938, em coautoria com Leopold Infeld, renomado físico do campo elétrico, interpreta o princípio da incerteza de Heisenberg, que será analisado mais à frente, e nos traz uma história breve de como a própria física se reinventou através desta mudança. Sua principal finalidade no livro é divulgar, ao público não especializado, as informações complexas e importantes de maneira clara e simples, partindo da formação e queda do conceito mecânico na física para chegar à física moderna, explicando a Teoria da Relatividade Restrita, a Teoria Geral da Relatividade e os princípios da Física Quântica, por fim, acreditamos que tal mudança impactou e pode ainda impactar a própria filosofia.

Einstein e Infeld, neste livro, discutem que a fundação da física se deu ao se observar um erro no conceito aristotélico de movimento de que um corpo permaneceria em movimento enquanto uma força sobre ele fosse aplicada. Tão logo a força deixasse de ser aplicada, o corpo retorna ao repouso inicial. Tal princípio permaneceu como um dogma científico por aproximadamente mais de dois mil anos, sendo sustentado pelo fato de que seu autor era o grande filósofo Aristóteles, logo, nunca foi questionado sua autenticidade. Essa certeza dogmática do conhecimento fenomenológico é exatamente um dos objetos de crítica e estudo de Einstein. Contudo, foi-se notar que o fenômeno aristotélico de movimento não era correto em sua totalidade, por não conseguir abranger o fenômeno tangível na realidade concreta dos corpos. Pois, um corpo ideal impulsionado por uma força, permanece em movimento não enquanto a força atua, mas enquanto uma força contrária não o restringe.

E tais princípios permaneceram sendo a base da física até que, com o advento das leis de probabilidade e da teoria da relatividade de Einstein, isso mudasse. O próprio Einstein, em certo momento, perguntou-se quanto à possibilidade de se rejeitar o conceito de matéria e construir uma física puramente dos campos físicos é possível, e se isso seria a solução, de acordo com a tese do princípio holográfico, dentro da Física Quântica.

Para exemplificarmos e entendermos tal afirmação, pensemos no Sol. Se o Sol colapsasse neste instante, seriam necessários oito minutos para que notássemos que algo aconteceu, pois este é o tempo necessário para que a luz do Sol chegue até nós, aqui na Terra. Tal fato pode ser constatado quando olhamos para o céu, no período noturno, e vemos as numerosas estrelas, e nem imaginamos que muitas delas já não existem mais, pois o que vemos na verdade é o brilho da luz em direção a Terra. A partir dessas discussões descobriu-se que o universo não é estático, como se pensava, mas que está constantemente em movimento e o nosso sistema solar vaga por esse espaço se movendo.

Mas, a pergunta que existe: Move-se para onde?

Se analisarmos o movimento da Terra, por exemplo, nós não temos grandes conclusões quanto ao seu destino ou trajetória, mas ao observarmos por um cenário mais amplo, veremos que ela está se movendo de uma forma constante e elíptica ao redor do sol, fenômeno que damos o nome de órbita. O mesmo podemos dizer do movimento orbital da Lua em relação a Terra e do nosso sistema solar com a nossa galáxia: Via Láctea. Muitas das recentes descobertas e pesquisas sobre o assunto, indicam que o buraco negro supermassivo, os que são formados por várias nuvens de gás ou por estrelas colapsadas e são encontrados no centro da maioria das galáxias, também possuem uma órbita. O buraco negro supermassivo que há no centro da Via Láctea é denominado *Sagittarius* e possui, aproximadamente, uma massa quatro milhões de vezes maior que a massa solar. Sabendo que na mecânica quântica a gravidade também atrai todos os seres ao seu redor de acordo com a

quantidade de massa, e segundo Einstein e os mecânicos da astronomia, o tempo é dilatado pela quantidade de massa gerando uma distorção espaço-tempo, no entanto, a holografia quântica diz que:

O universo sensível que conhecemos, junto de todas as suas galáxias, sistemas, planetas e toda a vida, poderia perfeitamente ser meramente um resíduo de imagem, feito de informação residual, que não foi absorvida pelo buraco negro por conta da distorção temporal aplicada sobre o retardo da velocidade da luz. Ou seja, assim como em um holograma (uma projeção em imagem em três dimensões feita pela codificação de informações transcritas em um plano bidimensional), nossa realidade não seria matéria concreta, apenas semi-eterna mostra de uma imagem feita pelos códigos de informação daquilo que já se perdeu no horizonte de eventos do buraco negro central. Nossa realidade seria uma mera imagem, sem consistência material. (Matthew Headrick, 2018)

Para que possamos chegar à consciência geral destas ideias e suas aplicações, primeiro definiremos o que é realidade e quais são as suas implicações para o ser humano e na filosofia.

2. Metodologia

Para a presente pesquisa, utilizou-se o método de revisão literária narrativa, na qual tem-se como sustentação uma seleção de trabalhos específicos sobre um assunto escolhido pelo autor. Foram escolhidas para este artigo em especial dois autores cujos trabalhos serviram de suporte metodológico, sendo o primeiro deles o pesquisador da Brandeis University especializado no tema de holografia quântica, Professor Matthew Headrick, bem como uma análise de níveis distintos de apreensão do conceito de realidade, analisados sob diversos autores, liderados sob a égide do segundo autor maior de suporte metodológico: Georg Hegel - e sua análise de dialética contraposta à interpretação dialética platoniana. Foram escolhidos, para as apreensões do conceito de realidade: Slavoj Žižek - em sua conceituação de Ideologia aplicadas sobre o filme “Joker” (2019), Platão - em sua conhecida analogia da caverna no livro “A República”, William Shakespeare - e uma análise do conceito de face oculta demonstrada em seu livro “Macbeth” e também George Orwell - e o conceito de duplipensar em seu livro “1984”. Houve, como critério de elegibilidade para recorte deste artigo, obras de relevância tangível cultural, que tratassem do conceito de percepção de realidade, para que se pudesse chegar a uma compreensão tática do tema, cuja abstração inicialmente aparentaria contenção única de aplicação teórica. Como objeto de estudo prático, foram escolhidas, então, duas obras audiovisuais para análise, sendo elas a música “Desconstrução”, do cantor brasileiro Tiago Iorc, e o filme “Kadaver”, produção norueguesa distribuída na plataforma Netflix. Não houve recorte temporal na escolha do material bibliográfico, mas houve um recorte na aplicação do conceito de realidade holográfica, no objeto de estudo prático, sendo tal recorte a interpretação social do conceito de “realidade virtual”, sendo então de aplicação direta contemporânea na chamada Sociedade de Informação. A finalidade é traçar uma possível aplicação dos princípios da Física Quântica sobre uma análise da realidade e da filosofia. Sendo assim, foi utilizada uma revisão narrativa, sob método descritivo de leitura de artigos e livros, com dois principais autores de suporte metodológico e outros autores como material bibliográfico de análise, e duas obras audiovisuais para aplicação tática, estas sob recorte temporal contemporâneo.

2.1 Da realidade e da realidade material

Iniciaremos por compreender a etimologia da palavra realidade. É de saber comum que sua origem significa, literalmente, *coisa*. O sentido “latínico” da palavra coisa é o de algo que existe concretamente, que possui existência objetiva e clara, ou seja, a realidade é a existência concreta e objetiva de algo.

Não há aqui qualquer paralaxe entre a realidade externa (aparente) e a realidade interna (concreta), nem havendo tampouco uma paralaxe entre o si e o si mesmo, pois a realidade ainda permanece definida como é, sem qualquer alteração, é mera coisa e matéria. No entanto, essa definição não é necessariamente única, bem como para a interpretação do conceito.

2.2 Da realidade macbethiana

Em Macbeth, drama shakespeariano, notamos um novo nível de interpretação do conceito de realidade. Essa acepção se refere à distorção entre a realidade e a aparência. Neste sentido, realidade e materialidade ainda são conceitos homônimos e não há qualquer mudança no posicionamento do observador entre a realidade externa (aparente) com ela mesma, mas, puramente, uma divisão entre a realidade externa e interna (concreta), também identificada consigo mesma. O artigo publicado no portal acadêmico britânico UK Essays, *The Two Faced King and Queen: Appearance vs Reality in Macbeth*, cita que, na obra, essa distorção é explorada, mostrando que, conforme a peça vai avançando, a distorção entre o sujeito real e o sujeito aparente aumenta a cada momento, tendo como mecanismo de medida a culpa.

Esta obra de Shakespeare se refere a um general do exército escocês, Macbeth, que recebe a profecia de que se tornaria o rei da Escócia. Ao lado dele está seu amigo, Bonqueo, que recebe a profecia de que ele seria pai de uma linhagem de reis. Naquela noite, Macbeth recebe o rei em seus aposentos e, influenciado por sua esposa, Lady Macbeth, o mata. Ele se torna o monarca, buscando, inicialmente, agir como um bom rei, mas, graças à culpa que carregava, cai na insanidade e se torna um tirano. Ele busca aparentar ser uma pessoa boa, assim como sua esposa, contudo, o remorso de seu ato os corrói por dentro, no fundo de suas almas, e eles não conseguem conviver com a culpa. Lady Macbeth começa a ter alucinações oriundas de seu remorso e vê sangue em suas mãos, sangue esse que nunca saía, não importando o quanto ela lavasse suas mãos, tal cena viria a ser reproduzida na popular cena de Kakashi Hatake tentando lavar suas mãos do sangue de sua amiga Rin Nohara, a quem por acidente matou.

Esse segundo nível de realidade diz respeito meramente a uma máscara, uma intenção hipócrita de manifestação externa de uma realidade não material internamente. Assim, esta definição ainda não atinge a totalidade de definição do termo nem o conceito de holografia, que é o anseio de seu desenvolvimento.

2.3 Da realidade jokeriana

O presente nível de definição de realidade diz respeito a uma inversão da anterior. Não uma máscara que esconde, mas uma máscara que revela. Mas, como assim? Isso passa pela questão da legitimação?

Sabe-se, por exemplo, que matar é pecado perante a Sharia¹, mas se você estiver validado pelo motivo certo, matar se transforma em um ato de fé. Na Idade Média e no início da modernidade inglesa, matar ainda era pecado, mas se você matasse uma mulher condenada como bruxa, mesmo que de modo abstrato, seria fato suficiente para validar o assassinato como serventia a Deus. Porém, o que há de interessante não é o fato da religião em si, e sim da maldade humana se utilizar de mecanismos para validação de suas manifestações. Estes mecanismos eliminam os freios do Superego, do qual falaremos mais à frente.

As pessoas não escondem sua realidade debaixo de máscaras de boas criaturas, mas utilizam suas máscaras para serem elas mesmas, as que não podem ser quando estão sem elas. Essa é exatamente a crítica que Zizek apresenta do filme *Joker* (2019), no Brasil com o título de *Coringa*, ou seja, o personagem Arthur Fleck, o Coringa, era ele mesmo quando escapava da aparência social e colocava a máscara de sua realidade. É quando Arthur Fleck se vestia de Coringa que ele podia ele ser ele mesmo. Era uma máscara que o revelava, não que o ocultava.

2.4 Da realidade orwelliana

Para esta etapa, o conceito de realidade é proveniente do *duplipensar* orwelliano. Ou seja, dois pensamentos opostos que existem simultaneamente e são verdadeiros ao mesmo tempo.

¹ Sharia é um sistema detalhado de leis religiosas desenvolvido por estudiosos muçulmanos e ainda em vigor entre os fundamentalistas.

Pode parecer confuso, mas há um conceito físico que pode nos ajudar a entender melhor o conceito que George Orwell² nos traz em sua distopia filosófica, no livro *1984*, em que pode haver duas assertivas igualmente verdadeiras e diametralmente opostas, de modo que as duas coexistam sem qualquer problema: *essa era a sutileza máxima: induzir conscientemente a inconsciência, e então, tornar-se inconsciente do ato de hipnose que se acabava de realizar.*

O termo *duplopensar* ou *duplipensar* é o ato de aceitar simultaneamente duas crenças mutuamente contraditórias como corretas, muitas vezes em contextos sociais distintos. É relacionado, mas diferente, da hipocrisia e da neutralidade. *Duplipensar* é notável pela dissonância cognitiva, ou seja, o sujeito não tem ciência alguma da contradição entre suas crenças, e se caracteriza pela certeza real de duas ideias contrárias. Não é o mero ato hipócrita da primeira definição, nem um ato de mascaramento de bondade do segundo, nem de mascaramento do interior da terceira, mas sim um processo de ilusão crível. Você não precisa de máscara, ou de um símbolo, para que alguém acredite em você, mas a pessoa que voluntariamente supera a desinibição, não com uma proteção de si mesma, mas com uma proteção do outro, ela se coloca voluntariamente a crer na inexistência do ser que a ela se mostra. Não são necessárias máscaras para enganar ou desinibir, ela própria se convence da bondade do outro. Mas de que modo isso acontece?

Não podemos afirmar com certeza, mas dois dos fenômenos mais peculiares da Física Quântica nos ajudam a compreender: um é o emaranhamento quântico e o outro é a difração de partículas. De modo geral, podemos olhar a difração como uma superposição das partículas que se dividem em um raio. E, na realidade, é bem verdade que a dialética se conecta com a superposição quântica quando diz que um discurso esteja simultaneamente em dois ou mais estados possíveis. No entanto, isso só ocorre se o estado desse discurso ainda não tiver sido determinado. A questão da superposição de partículas em um evento de difração foi trazida à tona pelo experimento de Schrödinger, que foi desenvolvido para ilustrar de modo mais claro a interpretação da Convenção de Copenhagem.

Emaranhamento quântico, o outro fenômeno, é um princípio de caráter personalíssimo, tão especial que Einstein o chamou de *princípio fantasmagórico da distância*. Ao contrário da difração, na qual ocorre uma superposição de duas partículas separadas pelo tempo, o fenômeno do *Entanglement* se caracteriza por duas partículas não-correlatas e sem comunicação, reproduzindo de modo idêntico diversas medidas físicas, tais como a posição, *momentum* (produto da massa sobre a velocidade), *spin* (momento de rotação e posição angular de uma partícula), e a polarização (regulações de oscilação em ondas transversais). Ou seja, condições extremamente complexas e correlatas. Por exemplo, se duas partículas físicas descobertas tiverem seu grau de rotação igual a zero, ambas tendo sua rotação em um único eixo, e uma girar de modo horário, resultará na outra girando de modo anti-horário na mesma regulação. Tal fenômeno hoje é muito utilizado e estudado para a tecnologia quântica que surge, como a computação sobreposta.

Fazendo um paralelo com o princípio da dialética de Platão, que se sustentava sobre as seguintes bases: um objeto de assunto A possui argumentos B e C. B e C conversarão não com o intuito de validarem a si próprios, mas com o intuito de buscar o que seja a verdade. B e C são ideias opostas, que podem sobreviver mutuamente enquanto não se chega ao consenso da verdade absoluta do objeto A. Por sua vez a dialética de Hegel se sustentava sobre as seguintes bases: um objeto de assunto A contém dentro de si sua própria tese B. Dentro desta tese B, existe também o argumento contrário... que não será C, mas sim B-. Não existe argumento oposto, mas sim a antítese da tese que já se encontrava dentro de si. Elas conversarão até que cheguem a uma ideia não nova, ou de qualquer um dos dois. Mas sim, dos dois. B+B-. A este princípio das partículas emaranhadas, podemos aplicar ao princípio de B+B-. Não é simplesmente um mero discordar de conceitos ou uma divisão difrática que produzirá os efeitos queridos pelo *duplipensar*, mas é necessário que tais ideias coexistam como verdade enquanto verdadeiras forem elas. Ou seja, não é meramente que - como proporia Platão - o gato estivesse ao mesmo tempo nas

² Eric Arthur Blair (1903 - 1950), mais conhecido pelo pseudônimo George Orwell, foi um escritor, jornalista e ensaísta político inglês.

condições opostas de vida e morte, mas sim sob este novo experimento da superposição emaranhativa baseada em Hegel, o vivo e o não-vivo, a coisa e a não-coisa.

Na realidade orwelliana, possuímos uma divisão entre duas crenças verdadeiras e opostas, e não se resumindo apenas a isso, ela é ao mesmo tempo sobreposta (não se reduzindo a uma dialética externa platônica, mas sim a uma dialética interna hegeliana).

2.5 Da realidade holográfica

Discutiremos, agora, a realidade holográfica. De forma subliminar estamos tratando deste modo de realidade desde o princípio do artigo. Podemos começar com o que seja holografia quântica. O conceito do princípio holográfico apresentado pelo pesquisador Dr. Matthew Hendrick é a comparação entre a transcrição tridimensional de um ideal bidimensional, ou seja, a transcrição tridimensional de uma codificação bidimensional de informação. É como um CD, que é codificado de modo bidimensional, mas reproduzido de modo imaginário e muitas vezes até fisicamente tridimensionado - como nos DVD's em 3D.

3. Da Codificação Bidimensional

Sobre a codificação bidimensional, apresentamos um exemplo com duas interpretações de codificações basilares para que possamos refletir sobre o seu papel e atuação no plano tridimensional e sua importância.

O exemplo se refere à metáfora do Mito da Caverna, proporcionada por Platão em seu livro *A República*. As duas interpretações aparecem com relação aos conceitos de Sol e Sombra, que são as alegorias por ele questionadas. O Sol para Platão é a fonte de luz máxima, uma interpretação presumivelmente da fonte de todo o conhecimento. Por ser a principal fonte de luz terrestre, geralmente é interpretada também como a Forma do Bem, a ser vista como uma própria deidade, a fonte da ciência, do saber. Portanto, segundo Platão, graças à gigantesca importância do saber, os homens possuem algum tipo de problema do como proceder para que se possa adquirir a luz, ou seja, o conhecimento material e profundo da experiência da realidade, os olhos não são a única fonte de adquirir o conhecimento, isso pois eles são justamente hipersensíveis a essa fonte que lhes é inerente - a luz. Não há possibilidade de captação da luz senão for de forma gradual, e toda compreensão enórmica pode gerar uma negação ou repulsa.

3.1 Do sol - desconstrução

Para questionarmos o Sol e seu papel na codificação, faremos, em um primeiro momento, a interpretação da música *Desconstrução*, de Tiago Iorc, e, em seguida, quais os conceitos de realidade nela contido. A música reflete sobre a paralaxe de uma menina, e dos jovens em geral, quando imersos na queda obscena trazida pelos prazeres da internet. Esta menina, ao se inserir no mundo virtual, buscando a realização de um deleite, encontra uma nova realidade que acredita ser legítima e, quando se vê no seu verdadeiro mundo, ele está a ruir e a cair junto dela. Tal situação nos leva a um questionamento: a internet é realmente um *mundo virtual*?

No sentido de responder a esta pergunta, vejamos duas situações que pode nos esclarecer um pouco melhor. Freud divide a noção de Ego trazida em ID, Ego e Superego. O ID são as noções elementares e básicas do indivíduo nato em cada um de nós, é o nosso anseio pelo prazer e nossa repulsa pela dor, ou seja, o ID são nossos desejos primitivos e ocultos. O Ego, por sua vez, demonstra a capacidade cognitiva básica humana, a capacidade de raciocínio em sua forma menos seleta, buscando formas racionais de satisfação do ID, mas de modo mais contido e reservado. Por sua vez, o Superego é uma instância mais complexa, que vem do convívio social do indivíduo, e codifica a moralidade daquela sociedade nele. Por exemplo, um bebê quer passar por debaixo da escada de uma construção, o ID manda-lhe passar, mas o Ego lhe diz que não pode fazer isso pois

seria perigoso. Já o Superego lhe diria que ele não deve pois lhe foi ensinado que passar debaixo da escada dá azar. Outro caso é sobre o Mito da Caverna de Platão, a narrativa se aplica aos jovens de hoje que se entregam em um mundo virtual e se escondem em seus quartos, ignorando o belo que existe no mundo físico, seguindo sombras e ignorando a realidade material, o mundo real.

A internet não é somente um mundo virtual, ela possui normas, bem como as normas divinas, essas normas podem ser usadas para um fim transcendente e, inclusive, de acesso à Fé e à Razão, princípios importantes para os gregos antigos e para a escolástica medieval. A internet, enquanto ente físico, não transcende a realidade ou a natureza, é fruto da ciência. A internet é parte de um código, parte de uma transcrição, e não uma transcrição ou codificação por si própria. Justamente por ser e ter uma manifestação social possui problemas inerentes a ela. Um deles é que, na internet, o freio inerente do ID, Ego e Superego são retirados e o Superego parece incapaz de nos proteger dos anseios do ID dentro deste mundo considerado virtual e aparentemente intangível. No entanto, ao romper os freios da realidade, eles se estilhaçam em cacos virtuais e a experiência da internet deve deter esses freios aplicados na realidade pelos valores morais dela decorrentes, não por uma realidade alternativa, mas justamente por não ser e estar sujeita às regras imposta.

3.2 Da sombra – Kadaver

A pouca idade não impediu o promissor diretor norueguês Jarand Breian Herdal, 23 anos, de escrever e dirigir um dos mais bem cotados filmes da Netflix de 2020, *Kadaver*. O filme retrata uma sociedade distópica, na qual, após um nebuloso inverno nuclear, as pessoas vivem em miséria. A protagonista da história é Leonora, uma ex-atriz que, por conta dos desastres nucleares, perdeu seu emprego e vive com saudade de exercer a arte do teatro e preocupada com a família, filha e marido, que passam fome. Isto até o momento em que eles recebem um convite para ir a uma peça de teatro, com direito a jantar, na única residência que parecia restar no mundo. Durante a apresentação da peça, a família descobre que o jantar é uma farsa, mas a história falsa passa a sustentar uma realidade ilusória e se mostra extremamente real. O autor deixa claro que o hotel é um personagem e é ele o mundo que devora. Sabemos que aquele que trabalha para o topo da cadeia alimentar, às vezes, não sabe o que acontece nas entre linhas, nesse caso, aqui no filme, pelos túneis abaixo do piso. Leonora, a figura dramática se apresenta como uma revolução que surge a partir do amor já que, propriamente dito, o mais forte é o da mãe. A busca por Alice revela o quanto cada um de nós podemos encontrar força através do amor.

Leonora, exposta ao sofrimento do brilho do sol, pergunta se é tão errado trocar o brilho do sol pelo brilho das chamas, luz fabricada pelo homem, equivalendo à alegoria da fogueira que Platão evidencia no mito original. No filme, o brilho do fogo da fogueira de onde os fantoches são feitos queima mais do que o sol, mesmo ele sendo muito maior e mais forte, implicando a uma exposição excessiva aos problemas vividos fora do hotel.

Tanto a música *Desconstrução*, quanto o filme *Kadaver*, apresentam uma inversão do contexto da realidade física com a realidade virtual. Na música existe uma hipomaterialidade na realidade factual, uma codificação simples demais que gera o anseio pela individualidade e expressão e, por isso, tenta-se livrar desta falta de materialidade através da internet, mas percebe-se que as relações se mantêm materiais e igualitárias mesmo no mundo virtual, causando a queda obscena. Desta vez, o foco vem das sombras e têm-se uma exposição ao sol tão grande e constante que a queda obscena não acontece por uma súbita exposição solar, mas acontece, ao contrário, por ver que as sombras, a alienação, são feitas de brilho também. A jornada não se dá por uma busca pelo sol, mas sim pelas sombras, uma hipermaterialidade causa a busca pela alienação. Justamente o que se têm por consciência comum da interpretação da internet. Você sai de um espaço de ultra exposição da verdade para um espaço de intra exposição a ela. A paralaxe se faz de modo voluntário novamente, mas dessa vez não se busca diferenciar da maioria alienada pela materialidade, mas sim, busca-se alienar de uma materialidade dura demais.

Isso acontece em dois momentos no filme. O primeiro vem do momento de busca pela sombra e o segundo vem do momento de entrega ao sol. Busca-se sair da codificação, não para ir à busca da individualidade, que é o sol, mas para fugir da verdade de todos os dias. Assim, poder-se-ia distrair um pouco da realidade dura e absoluta que a todos tangia. Contudo, isso muda ao perceber que mesmo sob domínio das sombras (sob a paralaxe teatral) o sol ainda lhes tange (onde há maldades), até mesmo maiores que na realidade exterior. Isso se torna muito significativo quando é permitida a entrada da filha de Leonora no hotel, pois nada que a menina viesse ver no interior do hotel seria tão pior quanto o que ela já havia presenciado. Assim, como a busca do sol para escapar das sombras, descobriu-se que todo o tempo o que se tinha por sombra era o sol e, no fim, se nota que a paralaxe faz parte da codificação, ou seja, a sombra faz parte da luz. Nesse momento, ocorre a queda obscena e é justamente aqui que acontece a gênese da chamada *ideologia zizekiana*, ou seja, no sentido de desmistificar uma visão ética meramente idealista e principiológica, abstrata, para fazer com que o pensamento ético se aproxime, transformando pensamento em ação concreta e, especialmente, proporcionando uma coerência, hoje praticamente inexistente, entre o discurso e a ação efetiva. Daí surge o conceito de uma ética do real em contraposição a uma ética meramente abstrata.

Há, nesse processo, a rejeição da factualidade, o que se pode refletir sobre a psicanálise no suicídio, como apresentado pela discente em Psicologia de Paranaíba (MS), Sarah Martins, em seu artigo (2019), orientado pela pesquisadora professora Camila Macedo:

De acordo com as autoras, por mais que se tente definir, dar residência, o obsceno nos escorrega e escapa, é “aquilo ao qual se dá uma olhada e depois se rechaça” (p. 45). E este está diretamente ligado a sexualidade e a morte; não mais tão vinculado ao sexo, mas ao cadáver, pois a nudez se exhibe mais naturalmente atualmente, mas a morte continua sendo ignorada e rechaçada dos lugares públicos, sendo jogada para “o segredo dos espaços privados ou no anonimato do hospital” (p. 48), onde a morte é tratada não como uma possibilidade próxima, mas como algo distante, “e que quando afastada, retorna sob o signo de uma representação brutal, crua, obscena” (p. 48). As autoras ressaltam que esta representação obscena da morte está mais relacionada a putrefação da carne do que ao aniquilamento do ser, onde o obsceno estaria no espetáculo do corpo que apodrece, e isto seria algo que precisa ser ocultado. A partir do conceito de obsceno, Carlos e D'Agord (2016) discutem a compreensão do suicídio e o lugar obsceno que ele ocupa no meio social, como o obsceno sendo aquilo que não pode ser mostrado, não pode ser falado, algo que não é familiar, que escorrega e escapa, que é visto e rechaçado. No suicídio, este obsceno só existe quando é mostrado, por parte do suicida ou de terceiros, quando expõem o ato de alguma maneira. Para as autoras, o suicídio evoca a falta, a impossibilidade e ausência do saber, tornando-se um tabu devido a necessidade de se afastar a morte do imaginário social, principalmente (Carlos & D'agord, 2016).

O que as autoras chamam a atenção é para a questão do obsceno. Não se compreende aqui obsceno como algo que atenta ao pudor, mas sim como algo que deve ser tirado de cena. Contudo, por qual razão deve ser tirado de cena? Pode ser visto como uma reação humana. Quando vemos uma pessoa com deficiência, nossa primeira reação, a natural, é a de nos compadecermos desta pessoa, nos sentimos mal por ela e, em muitas vezes, oferecemos ajuda, o que nos traz um momentâneo sentimento de alívio. Este sentimento de alívio é rapidamente negado e rechaçado na nossa mente, pois nos sentimos mal por nos sentirmos aliviados. Todavia, estes três pensamentos digladiam em nós: a piedade inicial, o alívio e o contra-alívio posterior. Tal digladição nos causa um pós-sentimento de confusão e a reação dessa confusão nos faz rechaçar não o deficiente, mas a figura dele, nos fazendo evitá-lo. No suicídio ocorre o mesmo fenômeno. A morte em si própria – ou a putrefação, como vão arguir as autoras – já é um ato obsceno. O problema com o suicídio não é simplesmente o não-querer-ver o corpo do sujeito, mas o não querer estar diante da pergunta imediata que paira no ar e que ninguém, por medo ou polidez, faz: Por quê? O porquê? nos leva a uma questão clara e que não podemos responder de imediato, de modo leviano, o motivo pelo qual uma pessoa é levada a preferir tirar a própria vida. Várias são as conjecturas que podemos fazer: pode estar descontente com a situação financeira; pode não ter recebido amor dos pais quando criança; ou pode ter sofrido bullying na infância ou na escola, como tantas outras crianças. Todos os fatores são relevantes para que possamos obter a resposta do porquê do suicídio e o que leva uma pessoa a perder a esperança no futuro, entrar na profunda depressão e cometer tal ato. Por

isso essa pergunta não deve ser feita espontaneamente, pois a resposta lhe é inerente. A busca não é de sair da codificação, mas se entregar a ela voluntariamente enquanto busca-se não sentir a culpa por isso, pois a vida na alienação é muito mais fácil, não há singularidade importante o suficiente. Todos são uns, todos são todos, todos são bits de informação perdidos no espaço de uma materialidade que já se perdeu.

A entrega voluntária da singularidade em prol das sombras é um tema muito retratado na ideia do *duplipensar*: pensar e crer que se pensa, depois pensar e pensar e não mais precisar crer, pois já se pensa e pensa. Através desta entrega, pode-se tirar um detalhe que é de suma importância: a culpa. Portanto, ao alienar-se nas sombras, de modo voluntário, não é preciso se preocupar.

Na virtualidade, a mudança do momento de infra exposição (caverna) para o momento de ultra exposição (internet) se equipara à materialidade, pois é parte dela, e não há como fugir da codificação binária (sol) - nem com a desalienação – queda obscena. A internet é uma pseudo-realidade, é falsa, pois não transcende a materialidade.

Na teatralidade, a mudança do momento de ultra exposição (sol) para o momento de infra exposição (caverna), não te torna parte da codificação. Se já o é, e não há como fugir da codificação binária (sol), nem mesmo com a alienação, terá como resultado a queda obscena. O teatro é uma hiper-realidade, é excessiva, por ser a potencialização da materialidade, não consegue se desvencilhar dela, se unindo a ela e sendo ela mesma do mesmo modo.

No filme, de todos os modos apresentados, a jovem e a Leonora têm a mesma realização, e não há como fugir da codificação, ou tentar achá-la em algo diferente do que ela já o é. O sol é um para todos, já nós, somos todos uns.

No mundo virtual, a codificação é formada puramente de bits. Bits que podem ser sequenciados de diferentes maneiras, mas são evidentemente os mesmos. Todos os seres são feitos de carbono e, ainda mais do que isso, todos somos átomos exatamente iguais, sem uma possibilidade de alquimia para mudar isso. Toda a arte, a ciência, a humanidade, os planetas, as estrelas e as galáxias são feitas de partículas iguais. Este é o sol que raia.

A realidade máxima e constrangedora. A realidade material é a que nos tange e, na holografia quântica do universo, é chamada de síntese. A codificação diante da materialidade nos deixa iguais, precisamos de uma distorção para nos diferenciar. Precisamos de algo que nos leve para longe da codificação aterrorizadora da sombra, o que nos leva a alcançar o sol, o que nos ilumina e nos leva a uma realidade nova e atrativa. A realidade material que buscamos para além da alienação dos iguais

Para que a alienação nos torne iguais, precisamos de uma contorção, precisamos de algo que nos leve para longe do brilho irradiante do sol, que nos tire o foco iluminador da realidade, para que possamos nos paraxarmos nas sombras. A realidade alienante é a que busca, para além da materialidade dos iguais, o que na holografia quântica do universo é denominada de antítese. É o prisioneiro que se acostuma com o brilho das sombras até que possa olhar para o sol e o contemplar e poder pensar sobre o que ele realmente é.

Mais uma vez citando Leonora e a jovem, ambas as sequências colidiram de modo enxadrístico em uma única teia de mate quântico, um *duplipensar*, que na verdade não tange a materialidade objetiva, mas ao mesmo tempo não consegue fugir dele. Assim, na ideologia, reprodução paraláxica voluntária, a própria ideia de realidade pura, como Schelling define em sua propedêutica da filosofia, sequer é tangida. O que se têm é uma análise puramente holográfica.

4. Conclusão

Em contraposição aos conceitos macbethianos ou jokerianos, não são necessárias máscaras ocultadoras ou reveladoras na holografia, mas sim uma paralaxe voluntária de legitimação. Nessa perspectiva, a realidade virtual é parte da codificação geral da realidade holográfica, que é a transcrição tridimensional da codificação bidimensional.

A codificação bidimensional é parte da realidade concreta da definição original de realidade, a coisa, que se perdeu no buraco negro da materialidade, assim a internet constitui um risco de paralaxe da realidade, em sua própria definição, muito

grande. E a paralaxe da realidade, também em sua própria definição, pode ser conceituada não como um conceito exterior e dialético platônico (que concorre com a realidade definida), mas sim na dialética hegeliana (um conceito negativo interior da própria definição).

A consequência da paralaxe da realidade em sua própria definição é uma queda obscena e muito grave. De proporções diluvianas. A queda obscena, nesse momento, se faz meramente individual, não sendo coletiva.

A codificação do universo que contém a internet é feita de modo igualitário, todos são apenas bits de informação, e a paralaxe visa também causar diferenciação nesta codificação única. Ao tentarmos, com a paralaxe, diferenciarmo-nos dos demais dentro da codificação interna, que chamaremos de estrutural, acabamos por cair em um coletivo de indivíduos com a mesma ânsia, nos tornando apenas mais um novamente.

A tomada de consciência desta coletividade paraláxica igualitária, leva-nos a um olhar para o sol muito forte. Absorvendo muita luz de uma só vez e nos causando a queda obscena. A sombra funciona como uma ideia de fugir do sol. A paralaxe da codificação se faz de modo voluntário. Mesmo sabendo que não se pode fugir da codificação, ao fazê-lo de modo voluntário, se evita a queda obscena, pois isso é feito com a consciência.

Referências

- Bennett, J. O., Donahue, M., Schneider, N., & Voit, M. (2004). *The Cosmic Perspective*. Pearson Addison-Wesley.
- Brandeis podcast. (2018). *The theory that the universe is a hologram explained in under 5 minutes*, 1 (s.n).
- Coringa. (2019). Direção: Todd Phillips. Produção: Village Roadshow Pictures. Warner Bros.
- Einstein, A., & Infeld, L. (1938). The First Clue. *THE EVOLUTION of Physics*. C.P. Snow, 5-12.
- Headrick, M., & Takayanagi, T. (2007). Holographic proof of the strong subadditivity of entanglement entropy. *Physical Review*, 76 (10), 3-7.
- Hunt, A., & Jacobsen, M. (2008). Cormac McCarthy's The Road and Plato's Simile of the Sun. *The Explicator*, 155-158.
- Iorc, T. (2019). *Desconstrução*. Compositor: Tiago Iorc. Iorc Produções. <https://open.spotify.com/track/0BzRIHCiks2DGIfsEKy54f>.
- Kadaver. (2020). Direção por Jerand Herdal. Netflix, Cópia Digital (86 minutos).
- Leite, A., & Simon, S. (2010). Werner Heisenberg e a Interpretação de Copenhague: a filosofia platônica e a consolidação da teoria quântica. *Sci. Stud.* 8 (2), 213-241.
- Lewkovitch, A. D. P., & Grimberg, A. B. D. F. R. (2016). A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, ideal do eu e supereu. *Estud. pesqui. psicol.* 16 (4), 1189-1198.
- Martins, S. (2019). A Perspectiva Psicanalítica sobre o Suicídio e suas Possíveis Contribuições para a Educação. *Simpósio de Saúde Mental: Limites da Loucura*.
- Matthew Headrick. (2018). *International Centre of Theoretical Sciences Newsletter*.
- Naruto II. (2018). Shueisha, 62.
- Neves, J. C. S. (2020). O buraco negro e sua sombra. *Rev. Bras. Ensino Fís.*, 42.
- Orwell, G. (1949). 1984. Martin Secker & Warburg Ltd.
- Platão. (2000). *A República*, EDUFPA, 319-322.
- Shakespeare, W. (2013). *Macbeth*. Libertador.
- Stachel, J. (2005). O manuscrito de Einstein de 1912 como pista para o desenvolvimento da teoria da relatividade restrita. *Sci. Stud.* 3 (4), 583-596.
- Slavoj Z. (2020). *On the Joker movie*. Publicado pelo canal Valen Tantessio, 1 vídeo (9 min). www.youtube.com/watch?v=jq5AT9n2Jv4.
- Ukessays. (2018) *The Two Faced King and Queen: Appearance vs Reality in Macbeth*. 1 (s. n).
- Zorzetto, R (2004). Ação Fantasmagórica: Equipe de Campinas detalha fenômeno que torna possível a criptografia quântica. *Revista Pesquisa Fapesp.* 102, 49-51.